

*México busca aproximação maior com o Mercosul*

**Buenos Aires** - O presidente do México, Vicente Fox, chega nesta quinta-feira a Buenos Aires com a idéia de fazer renascer o sonho de criar uma área de livre comércio com o Mercosul. Lançado em 1995, o projeto de aproximação comercial com o bloco regional não saiu do papel. O presidente mexicano, eleito exatamente há dois anos, período no qual não conseguiu concretizar o milagre econômico de crescimento e redução do desemprego que havia prometido como candidato, espera ainda assinar acordos bilaterais com o Brasil, Argentina e Uruguai.

Os argentinos estão eufóricos com a possibilidade de uma acordo concreto com o México, cujo mercado vem absorvendo significativamente as suas exportações. No primeiro trimestre deste ano, por exemplo, as vendas de produtos argentinos cresceram 100%, em comparação com o mesmo período do ano passado, graças a acordos comerciais assinados no ano passado. Por isso, a visita de Fox acendeu a expectativa da administração do presidente Eduardo Duhalde.

Se Duhalde e Fox melhorarem o acordo automotivo em vigor, que já prevê uma redução de 28% para 8% a alíquota de exportação de carros, a Argentina poderá conquistar uma quota de 50 mil unidades para os próximos três anos e, em 2006, liberar o comércio de veículos. Com isso, as montadoras argentinas poderão sair do sufoco e vender pelo menos mais US\$ 100 milhões este ano.

Mas o presidente mexicano chega a Buenos Aires sem ter conseguido cumprir o que prometera aos mexicanos durante a sua campanha eleitoral. Há pouco mais de dois anos, Fox prometera fazer o México crescer a uma taxa de 7% ao ano. Até agora, essa meta não foi alcançada. O México tem registrado baixo crescimento econômico dos últimos três trimestres. Em matéria de emprego, o governo também não conseguiu condições para criar 1,2 milhões de empregos oferecidos durante a campanha.

**Chile na contramão**

Depois de o Chile ter assinado um pré-acordo comercial com a União Européia, o setor privado chileno vem reforçando sua posição contrária de aproximação do país ao Mercosul. A idéia de redefinir completamente a posição do Chile no bloco regional ganha força entre as entidades empresariais. A Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), por exemplo, quer congelar temporariamente os benefícios tarifários para os países do Mercosul.

A essa entidade se somou recentemente a Câmara Nacional de Comércio, Serviços e Turismo (CNC), que solicitou ao governo do presidente Ricardo Lagos renegociar as condições entre o Chile e o Mercosul. Dado, dizem essas entidades chilenas, "o risco que representa para o país as políticas econômicas equivocadas que constantemente são adotadas pelos membros do bloco regional".

A CNC afirma que, nas condições atuais, é uma ilusão pensar em plena integração do Chile com o Mercosul. A entidade afirma ainda que a posição defendida pelo presidente Lagos de "namorar" o Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai vem perdendo força com o tempo, por causa de diversos fatores, como o deteriorado cenário político, econômico e social nesses países.

"Essa ambiguidade chilena não é nova nem recente", lembrou o embaixador do Brasil em Buenos Aires, José Botafogo Gonçalves. Em entrevista à **Agência Estado**, o embaixador afirmou que a decisão de aproximação do Chile com o Mercosul tem de ser resolvida internamente. "O Mercosul já mostrou o que tem a oferecer", disse. O embaixador realçou que o acordo entre o Chile e a União Européia, que ainda está sendo analisado em Genebra pela Organização Mundial do Comércio (OMC), afeta muito pouco o comércio do Brasil e a

Argentina com os europeus. "O efeito será limitado, já que o acordo é muito restritivo", afirmou Botafogo Gonçalves.

A CNC insiste, no entanto, que um acordo mais amplo entre o Chile e o Mercosul será amplamente prejudicial para o setor privado chileno, razão pela qual seria necessário renegociar os atuais termos de aproximação comercial. Além disso, a entidade afirma ser indispensável melhorar os mecanismos de solução de controvérsias comerciais e desenvolver uma espécie de "seguro" contra a desvalorização das moedas dos países do Mercosul, que alteram os equilíbrios regionais.

#### *GAZETA MERCANTIL (Brasil)*

##### **Entendimento com México reduz tarifas em até 100%**

Brasília, 3 de Julho de 2002 - O Brasil e o México assinam hoje, em Brasília, acordo de complementação econômica (ACE) envolvendo 790 produtos (151 do setor agroindustrial e 639 do setor industrial), que terão preferências recíprocas, com reduções tarifárias de 20% a 100%. Os dois governos também anunciam a finalização de acordo automotivo, a ser firmado em Buenos Aires, na Cúpula do Mercosul, dias 4 e 5. Os dois acordos devem trazer impulso significativo ao comércio bilateral, que cresceu quase quatro vezes nos últimos 12 anos.

No ano passado, o comércio bilateral ficou próximo a US\$ 2,6 bilhões, com superávit para o Brasil de US\$ 1,2 bilhão.

O ACE é o principal dos oito documentos que serão firmados hoje pelos dois governos, durante visita de 24 horas a Brasília do presidente do México, Vicente Fox. À noite ele segue para Buenos Aires, onde participa da cúpula do Mercosul.

Para o México, o principal objetivo do ACE é reduzir, a curto prazo, em pelo menos 50% o déficit comercial crescente com o Brasil, admitiu o secretário de Economia daquele país, Luis Ernesto Derbex Bautista, em entrevista à imprensa mexicana. Em 2001, o México foi responsável pelo terceiro maior superávit do Brasil, graças sobretudo ao setor automotivo, responsável por quase metade das vendas.

O ACE vai permitir descontos de 20 a 100 % sobre tarifas a produtos químicos e agrícolas, com o que o México pretende reverter o quadro. Foi graças a essas concessões que os mexicanos aceitaram ampliar o acordo automotivo.

#### Relações comerciais

Segundo levantamento da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), até o começo da década de 90, o Brasil era superavitário com o México, mas a partir de 1995, com o Plano Real, o quadro inverteu-se, com redução de 53% das vendas brasileiras. Só a partir de 1998 mudou o quadro, quando o Brasil teve superávit de US\$ 19 milhões, numa trajetória crescente que chegou no ano passado a US\$ 1,2 bilhão.

O ACE agora vai abrir caminho para que o Mercosul negocie com o México um acordo de livre comércio, na expectativa do chanceler Celso Lafer. Em 1997, as duas partes negociaram a substituição dos acordos bilaterais, mas não houve avanços, sobretudo devido a dificuldades

da parte brasileira. Os acordos bilaterais dos outros três sócios do Mercosul foram prorrogados.

### ***EL COMERCIO (Perú)***

#### ***Chile espera que la cumbre de Mercosur fortalezca la región y alivie crisis***

Chile considera que la cumbre del Mercosur del 4 y 5 de julio en Buenos Aires será una oportunidad para analizar fórmulas que ayuden a aliviar las crisis económica y política que atraviesan la mayoría de los países de la región.

"Creo que va a ser muy importante el encuentro de los presidentes en Buenos Aires, precisamente para analizar el contexto regional tanto económico, como comercial y político", dijo a EFE la ministra de Relaciones Exteriores, Soledad Alvear.

A la reunión del Mercosur, bloque del que Chile y Bolivia son miembros asociados y que integran como socios plenos Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay, asistirán el presidente Ricardo Lagos y los ministros de Relaciones Exteriores, Soledad Alvear, y de Hacienda, Nicolás Eyzaguirre.

La jefa de la diplomacia chilena también destacó la presencia en Buenos Aires del presidente de México, Vicente Fox, quien asistirá como invitado especial.

"La Cumbre es una oportunidad propicia además con la presencia de presidente Fox, que ha sido invitado especialmente para compartir lo que es la realidad de nuestra región. La presencia de los seis presidentes en dicha reflexión va a ser, por cierto, muy necesaria", subrayó Alvear.

En la reunión de Buenos Aires, Chile también promoverá la institucionalización del bloque.

Esta cumbre del Mercosur, en la que Argentina pasará la residencia del bloque a Brasil, tiene como escenario una de las peores crisis de la región, que comenzó con el desplome de la economía argentina y siguió con los problemas de inestabilidad en Brasil y el contagio en Uruguay.

Sus efectos se han reflejado las últimas semanas en la cotización del dólar, que se disparó en casi todas las naciones del extremo sur del continente.

Soledad Alvear señaló al respecto que "sin duda" uno de los temas que centrará la atención en la reunión será la situación por la que atraviesa Argentina.

"En los últimos días hemos sido testigos de las dificultades que también están afectando a Brasil, lo que nos obliga a estar alerta y a destinar todos nuestros esfuerzos a apoyar a estos países hermanos", subrayó.

La ministra también informó de que en la capital argentina estarán especialmente dedicados a estos asuntos los ministros del área económica, entre ellos el ministro chileno de Hacienda.

Se trata, explicó Alvear, de buscar en conjunto fórmulas que contribuyan a aliviar la crisis que afecta a Argentina y la inestabilidad a la que se está enfrentado Brasil.

A la luz de esta crisis, en Chile se desencadenó una polémica entre los empresarios agrícolas, que pidieron al gobierno que congele su participación en el bloque, y los exportadores, que respondieron que sería un "gran error" alejarse del Mercosur.

Alvear enfatizó que "el escenario que actualmente viven los países del Mercosur no es una razón para abandonar" el "objetivo, como país asociado", de "profundizar" la relación con el bloque.

"Sé de la solicitud de algunos sectores de terminar nuestra asociación con el bloque sudamericano, pero quiero decir que tenemos buenas razones para mantener esta relación", remarcó la canciller.

En declaraciones anteriores, la ministra había reiterado la postura del gobierno chileno en cuanto a que el Mercosur es más que una unión aduanera o un acuerdo económico comercial, al señalar que también es "un proceso de integración".

En respuesta a los agricultores, el ministro portavoz de Gobierno, Herald Muñoz, señaló esta semana que "al Mercosur también hay que considerarlo como una alianza política de largo plazo".

Chile llega a esta cumbre tras haber finalizado, el 26 de abril pasado, las negociaciones para una Asociación Política, Económica y Comercial con la Unión Europea.

Según cifras oficiales, el 10 por ciento de las exportaciones chilenas se orienta a los países del Mercosur y el 30 por ciento de ellas corresponde a manufacturas.

Argentina, Brasil, Uruguay y Paraguay concentran, además, el 52 por ciento de las inversiones chilenas en el exterior.

En los últimos cuatro meses, sin embargo, las exportaciones chilenas al bloque cayeron en 39,7 por ciento, con bajas del 60 por ciento hacia Argentina y del 30 por ciento a Brasil